



Guia do Professor

Episódio

A Língua Portuguesa nos tempos de Getúlio Vargas

Programa

Sinistro

Prezado Professor:

Os três episódios do programa de vídeo intitulado “Sinistro” foram elaborados de maneira a possibilitar que questões da língua portuguesa sejam analisadas. O objetivo principal deles é tratar da polissemia, ou seja, trabalhar na língua portuguesa a produção de sentidos diversos. A maneira pela qual a polissemia é tratada considerando-se a ancoragem dos sentidos às suas condições históricas de produção. Dessa maneira, as análises linguísticas serão entrelaçadas a questões que giram em torno da relação intrínseca entre a língua e a sociedade. Buscamos compreender como língua e sociedade relacionam-se a todo instante. Isso implica uma análise do funcionamento da língua, de fatos da língua. Para esta reflexão, é preciso, então, trabalhar com dois pressupostos básicos que serão melhor apresentados ao longo deste texto: um diz respeito à concepção de língua e o outro diz respeito à concepção de sujeito.

Todas as reflexões feitas a seguir estão baseadas nas obras dos autores citados nas referências bibliográficas.

Quadro Teórico

Prezado Professor:

Gostaríamos que você nos acompanhasse em nossa reflexão a respeito da concepção básica que norteará todas as nossas análises.

Sabemos que a prática cotidiana em sala de aula está repleta de conteúdos a serem trabalhados com os alunos. Temos certeza de que, para cada conteúdo proposto,





existem procedimentos e técnicas de ensino que são adaptadas às suas condições de trabalho, que envolvem as instalações e a estrutura de sua escola e o perfil de seus alunos. A proposta que descrevemos aqui foi desenvolvida no sentido de apresentar materiais que podem funcionar como alternativas para o desenvolvimento dos conteúdos curriculares.

É importante ressaltar que a própria configuração do material aqui proposto, ou seja, um programa de vídeo que apresente conteúdos de Língua Portuguesa de maneira não-convencional, possibilita um trabalho diferenciado com os alunos. A nossa preocupação inicial foi com o formato dos episódios do programa de vídeo: queríamos apresentar um texto que discutisse questões importantes para a disciplina de Língua Portuguesa, e que também contextualizasse esse conteúdo de maneira a captar a atenção do aluno.

Optamos, assim, por apresentar aos nossos personagens, os adolescentes Pedro e Carolina, uma biblioteca virtual no ano de 1954. No episódio I, eles presenciaram a véspera do suicídio de Getúlio Vargas, um período de grandes emoções, de discursos exaltados, de notícias novas a cada dia. No episódio II, Pedro e Carolina conversam com Victor Hugo, e discutem a respeito dos diversos sentidos da palavra ‘esquerda’. No episódio III, Pedro e Carolina se deparam com uma situação em que o sentido de palavras como ocupação e invasão, e gastar e investir estão atreladas às condições de produção: quem enuncia, quando e para quem.

O episódio de vídeo, por si só já é um material interessante por possibilitar a retomada de questões importantes para a história do país: o governo Vargas e as relações internacionais, tão delicadas devido ao período de Guerra. Considerando o objetivo do episódio, que é o de tratar de polissemia, interpretação e produção de sentidos, procuramos mostrar como os fatos da língua foram determinantes para a condução do momento histórico vivido. Para evidenciar questões relativas à Língua Portuguesa, foram selecionados os seguintes materiais: uma manchete de jornal, um segmento de um discurso de Getúlio Vargas, e o apelido de Getúlio Vargas, o “Pai dos Pobres”. Esses materiais serão analisados nas Atividades propostas (abaixo). Para dar visibilidade às questões relativas à Língua Portuguesa, foram selecionados aspectos relativos ao discurso político e ao discurso religioso. Esses materiais serão analisados nas Atividades propostas (abaixo). Propomos que as análises sejam feitas dentro do quadro teórico da Análise de Discurso Materialista. Esse quadro teórico possibilita análises da materialidade



da língua, considerando-a em seu funcionamento. Ou seja, pretendemos dar visibilidade aos processos que ocorrem quando falamos, quando a língua é colocada em movimento.

Para darmos início à apresentação dos pontos principais da proposta teórica, levando em conta os conteúdos preparados para esse episódio I do programa “Sinistros”, é interessante entender o nome ‘Análise de Discurso Materialista’. Entendemos que **discurso** é a relação entre a materialidade significativa e a história, relação na qual os sentidos entre locutores se produzem como efeitos.

Discurso é a relação entre materialidade significativa e história, na qual os sentidos entre locutores se produzem como efeitos.

O nome “materialismo” deve-se ao peso que a história tem para a compreensão dos fatos que envolvem a língua e o sujeito, considerado nas muitas posições que ocupa. Com essas exposições, queremos dizer que faremos a proposta de análise da palavra ‘esquerda’ sempre levando em consideração a relação entre história e sentidos. A primeira atividade a ser feita após a exibição do filme, que analisa os sentidos de ‘mão esquerda’, introduz justamente a questão da polissemia em sua relação com a história.

São dois os conceitos muito importantes para a Análise de Discurso Materialista (doravante AD), para os quais chamamos a atenção. O primeiro diz respeito à própria língua, e o segundo diz respeito ao sujeito. É importante ressaltar, aqui, que, para trabalharmos dentro dessa concepção, sujeito e língua não podem ser considerados separadamente. Vejamos por que.

Começamos pela concepção de língua. Consideramos que a língua é uma das formas de linguagem com as quais o sujeito, em sociedade, convive. O Brasil é um país muito rico em formas de linguagem. Somos capazes de reconhecer nos interesses de nossos alunos a grande variedade de formas que circulam em nosso ambiente social: desenhos, pinturas, melodia, movimentos do corpo, entre outros.

Para a AD, as diferentes formas de linguagem são compostas por **objetos simbólicos** que seriam, por exemplo, os fonemas, as notas musicais, as cores, os traços, os gestos. Esses objetos simbólicos, em conjunto, formam a língua, as músicas, as pinturas, os desenhos, os movimentos do corpo. Ou seja, eles formam as diversas formas de linguagem.





A questão que é importante, no que diz respeito à concepção de linguagem, é que ela não tem um sentido único, fixo e imutável. Como a língua é uma forma de linguagem, podemos dizer que ela também não tem um sentido único, fixo e imutável: ela é polissêmica.

A **linguagem** e suas diversas formas não têm um sentido único, fixo, imutável.

Dessa maneira, estamos querendo que você, professor, considere, conosco, que as mais diferentes materialidades da linguagem - configuradas como textos escritos, fala, músicas, desenhos, pinturas - são exemplos de objetos simbólicos, por serem formados por símbolos, sejam eles gráficos, sejam eles sonoros. Essas materialidades estão expostas ao trabalho do simbólico, se constituindo em objetos simbólicos para o sujeito. Esses objetos simbólicos estão na dimensão do discurso, o que significa que o trabalho do simbólico é sempre determinado pelas **condições de produção** do discurso e se faz, como já afirmamos acima, enquanto produção de efeitos de sentido entre locutores.

Como estamos pressupondo que eles não têm sentido próprio, fixo, imutável, trabalhamos com o conceito de que produzem efeitos de sentido. Ou seja, a linguagem, em suas mais diversas formas, inclusive a língua, é colocada em movimento pelos sujeitos. Nesse processo, isto é, quando colocados em movimento, as formas da linguagem estão na dimensão do discurso, e, por isso, conforme a definição de discurso dada acima, dizemos que produzem efeitos de sentido entre locutores.

Vamos nos aprofundar nessa questão a seguir.

Efeitos de Sentido

A questão da polissemia na língua é um grande desafio para professores, alunos e profissionais que trabalham na área da linguagem. Nós todos sabemos que os objetos simbólicos têm sentidos estabilizados em uma comunidade languageira. Sendo assim, em sua cidade, sua escola, no nosso país, nos entendemos quando falamos, quando colocamos a língua portuguesa em movimento porque há determinações que fazem com que o sentido das palavras, expressões, dos textos, apesar de não serem únicos, também não possam ser qualquer um. Nós nos deparamos com sentidos estabilizados. E, dentro do quadro teórico da AD, a estabilização dos sentidos é dada pela história.



O objetivo das análises que faremos aqui é verificar **como** esses efeitos de sentido são produzidos. Esse objetivo é diferente da pergunta que acompanha normalmente os textos, que gira em torno de compreender como eles os sentidos se produzem em determinadas condições de produção. Dessa maneira, ao invés de nos perguntarmos o que uma palavra, uma expressão, ou um texto significam, vamos sempre tentar responder como eles significam. Com isso, focalizaremos o funcionamento da língua, de sua forma, de sua estrutura, e a articulação entre os diversos elementos que compõem um texto. Portanto, a grande questão de análise é investigar **como** os objetos simbólicos, em funcionamento no discurso, produzem efeitos de sentido. Isso porque, relembrando a definição acima, o **discurso é o lugar onde efeitos de sentido ocorrem**.

Sabemos que os sentidos nos parecem evidentes. O trabalho do analista de discurso, entretanto, nos alerta para o fato de que essa evidência é resultado da identificação do sujeito com os sentidos e da estabilização destes em nossa sociedade. A identificação do sujeito a determinados sentido não é automático nem nos é consciente, sendo um trabalho da ideologia.

Sendo assim, quando somos colocados em contato com um objeto simbólico, fazemos gestos de interpretação e produzimos sentido para esse objeto simbólico. Esse processo é automático, não nos é consciente, de tal forma que agimos e reagimos produzindo efeitos de sentido sobre e para o mundo simbólico que nos rodeia.

O Papel da História

Uma das questões recorrentes e que merece destaque no nosso trabalho como professores de Língua Portuguesa é o fato de saber que o processo de fazer gestos de interpretação não é aleatório. Constantemente, em sala de aula, nos deparamos com a situação de, na leitura de um texto, ouvir interpretações de seus alunos que parecem pouco adequadas para a situação. Ou, também, são apresentadas interpretações interessantes e diferentes do esperado. Nos dois casos, as interpretações merecem análises. Relembremos que o discurso é a relação entre a materialidade significativa e a história. A partir desse pressuposto, para entendermos **como** os efeitos de sentido são produzidos, é importante pensarmos na dimensão histórica do discurso. A história entra na análise de discurso como componente essencial, ficando sua presença mais visível na



análise das condições de produção do discurso.

A língua, quando colocada em movimento, está na dimensão do discurso. Sabemos que o sujeito faz gestos de interpretação porque ele ancora sua interpretação a uma memória discursiva, compreendida como o conjunto dos discursos anteriores, tudo o que já foi dito anteriormente. Isso significa que temos um ressoar de sentidos no funcionamento do discurso. A relação, que será mostrada nas atividades que serão realizadas com os alunos, de um discurso com outros, anteriores a ele, recebe o nome de **interdiscurso**.

Interdiscurso é a relação de um discurso com outros anteriores.

Em todo discurso temos, portanto, a língua, considerada, em sua estrutura material, e a história, resultado da relação da materialidade significativa com o interdiscurso. Dessa maneira, fazer uma análise discursiva significa reconhecer sempre a língua em funcionamento, investigar como os efeitos de sentido se produzem em uma direção, e não em outra. Para tanto, é fundamental investigar as condições de produção de um discurso, ou seja, perguntar pelos lugares sociais dos sujeitos e pelas circunstâncias históricas, sociais e políticas da enunciação. O trabalho que propomos é investigar como aquilo que está presente nos materiais de trabalho produz efeitos de sentido em uma direção, e não em outra, ou seja, produz alguns efeitos de sentido e não outros. Dessa maneira, tanto a interpretação feita pelo aluno e considerada não aceitável, como aquela feita pelo aluno e considerada aceitável, podem ser objeto de análise. A pergunta a ser colocada é sempre **como**. Essa pergunta vale para as duas situações: quais foram as condições que possibilitaram a interpretação desejável, e quais foram as condições que possibilitaram a interpretação não-desejável?

Para responder a essas perguntas, é fundamental investigar as condições de produção de um discurso, ou seja, investigar quem é o locutor, quem é o interlocutor, e em quais circunstâncias históricas, sociais e políticas se deu a enunciação. Isso é válido para o discurso dos alunos e para os textos trabalhados em sala de aula.

É importante ressaltar: o discurso tem uma materialidade significativa e é por meio da análise dessa materialidade que pretendemos tratar os fatos que afetam os sujeitos em sociedade.





O Sujeito

A nossa apresentação do quadro teórico da AD nos leva, finalmente, à concepção de sujeito. Isso porque é ele que coloca o discurso em movimento, é ele que enuncia, é ele que interpreta. O discurso acontece no sujeito e por seu intermédio.

No que diz respeito à concepção de sujeito, a pergunta a ser respondida gira em torno da interpretação: quais são as condições que afetam a sua constituição e que determinam as suas interpretações? Consideramos que o sujeito existe a partir do momento em que ele entra em contato com o discurso. Como não se concebe, em nosso mundo, um lugar no qual não exista discurso, podemos afirmar que o indivíduo é interpelado em sujeito desde sempre. A questão gira em torno da constituição do sujeito. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. Consideramos que ser sujeito é estar sujeito à língua na história.

Com isso, estamos dizendo que, tendo sido constituído pelo discurso, o sujeito é definido pela posição que ocupa na cadeia discursiva. A maneira pela qual falamos, os nossos alunos falam, isto é, as formas, a estrutura, as palavras e expressões do discurso são resultantes de nossa constituição. E é essa constituição pelo discurso que definirá tanto as interpretações que o sujeito fará dos objetos simbólicos, como a maneira pela qual ele é interpretado pelos outros sujeitos. Isso significa dizer que, para ocupar o lugar social de professor, por exemplo, é necessário, antes de mais nada, ocupar a posição discursiva de professor: falar como professor.

O sujeito é definido a partir da posição que ele ocupa na cadeia discursiva.

Dizemos que o sujeito é constituído como tal pelo discurso. Ele tem uma **formação discursiva**, que determina sua maneira de organizar e interpretar o mundo no qual vive. Cada vez que o sujeito coloca o discurso em movimento, ele estabiliza sua formação discursiva. Isso significa dizer que ele estabiliza seus gestos de interpretação para os objetos simbólicos que compõem o discurso, estabilizando seus efeitos de sentido.

A Formação Discursiva define, de acordo com E. Orlandi (1999), tudo aquilo que pode e deve ser dito em um determinado contexto.



O Discurso e a Formação Imaginária

Um aspecto pouco discutido nas nossas aulas de Língua Portuguesa gira em torno da relação entre a formação imaginária e o discurso. O ato de enunciar significa um recorte nas diversas possibilidades do dizer, ou seja, quando algo é dito, outras coisas estão sendo excluídas, não-ditas. Isso nos leva a duas grandes discussões. As duas dizem respeito à constituição do sujeito por uma formação discursiva. Essa constituição o coloca em uma posição-sujeito, que faz com que os sentidos dos objetos simbólicos lhe pareçam os únicos possíveis. Dessa maneira, dizer algo de uma forma parece óbvio para o sujeito, e o processo de exclusão que isso encerra não lhe é evidente. Em casos extremos, a censura trabalha a partir desse pressuposto: interfere nas maneiras de dizer, interferindo nas maneiras de interpretar. Esse processo leva à segunda grande discussão, que é aquela que ressalta a importância de se enunciar algo que abre as possibilidades de outros dizeres, de colocar em cena formulações novas, que causam deslocamentos nas relações em um determinado grupo social.

A Sala de Aula

A análise dos discursos que circulam em um grupo social coloca questões importantes para serem tratadas por nós, professores, em sala de aula, pois o sujeito é constituído pelo discurso da sociedade que circula em suas instituições: a família, a igreja, a mídia, entre outros. E a escola.

Colocada dessa maneira, a sala de aula merece reflexão, pois nela circulam diversos discursos, diversas possibilidades de produção de efeitos de sentido. As análises que estamos propondo visam a oferecer aos alunos elementos para discutirem as **Condições de Produção** dos enunciados apresentados. Dessa maneira, esperamos que a relação entre interpretação, sentidos e história ganhe visibilidade nas discussões em torno dos textos.

As Condições de Produção devem ser analisadas tanto em seu contexto mais imediato de produção do discurso: quem fala, o que para quem e quando; quanto em seu contexto social e histórico mais amplo. Elas são parte constitutiva da produção dos efeitos de sentido.

Analisar os fatos da língua a partir de suas condições de produção implica procurar as condições histórico-sociais nas quais eles foram produzidos, o que leva a uma análise do funcionamento da linguagem. Esperamos que olhar para as questões que estamos propondo, analisar a maneira pela qual o discurso produz efeitos de sentido, possa significar um deslocamento na relação dos alunos com a língua. Consideramos que esse deslocamento tem por consequência um deslocamento em sua relação com o mundo social.

Na perspectiva de relacionar a aula de Língua Portuguesa a outras disciplinas e a questões sociais, a grande contribuição das análises propostas é a possibilidade que os professores têm de mostrar duas questões. Em primeiro lugar, que os ensinamentos, sejam eles de cunho moral, ético, histórico, cultural ou social, se dão na materialidade da língua. Ou seja, que não há como separar a análise da língua, no nosso caso, a Portuguesa, da análise de questões que dizem respeito à nossa sociedade. Em segundo lugar, o professor tem por desafio trabalhar com seus alunos essa relação intrínseca entre língua e sociedade: a língua tem um funcionamento, ela tem uma materialidade, decisivos para a constituição da organização da sociedade.

Para discutirmos com os alunos as duas questões colocadas acima, vamos trabalhar, com as atividades propostas nesse episódio, aspectos relativos à sociedade, à história, à filosofia, e como elas acontecem sobre a base material, que é a língua. Dessa maneira, pretendemos focalizar o fato de que estrutura linguística e efeitos de sentido estão relacionados, ou seja, em outros termos, que sintaxe e semântica têm relações intrínsecas no funcionamento da língua.

Nas atividades propostas para o episódio I do programa Sinistros, nos deteremos em análises de fatos da língua relativos ao período Vargas, conforme citado acima. A nossa preocupação, aqui, é demonstrar que a história tem relação intrínseca com a Língua. Fatos históricos são narrados a partir da análise de documentos, cuja base é a Língua.

Há vários momentos de nossas análises em que retomamos categorias morfológicas e sintáticas, tal qual propostas pela gramática normativa. Queremos ressaltar que nosso objetivo foi mostrar seu funcionamento discursivo e, nesse sentido, gostaríamos que você, professor, nos acompanhasse nessa tarefa de levar os alunos a se preocuparem



com o movimento da língua e não apenas com suas categorizações.

Programa Sinistro

Episódio I - Procedimentos sugeridos

1. Apresentação o Filme de Vídeo

No primeiro episódio do programa Sinistros, os personagens dos programas de vídeo do projeto Conexão Linguagem, Pedro e Carolina, estarão em uma biblioteca, no Rio de Janeiro, no ano de 1954, pouco antes do suicídio de Getúlio Vargas. Consideramos que esse momento histórico era propício para demonstrar como uma análise discursiva demonstra o funcionamento da língua, devido às diversas possibilidades de interpretação para os acontecimentos discursivos que acompanharam e determinaram a história do país no período, e que ainda ressoam no nosso país.

O ambiente no qual Pedro e Carolina se encontram é uma biblioteca. Nesse lugar eles conversam com uma bibliotecária virtual, denominada Calíope, a respeito de acontecimentos relatados em um jornal. Com essa contextualização, esperamos que os seus alunos percebam as bibliotecas como um lugar que merece atenção.

Antes de apresentar o filme, seria interessante fazer um breve levantamento daquilo que os alunos já sabem sobre:

- a. **Getúlio Vargas**, seu governo, a II Guerra Mundial e sobre o atentado da Rua dos Toneleiros; e
- b. **Nomes próprios**, o processo de nomear pessoas, ruas, escolas. Aqui seria interessante perguntar aos alunos se eles sabem os motivos pelos quais seus pais lhes deram os nomes que têm.

Em seguida vem a apresentação do 1. episódio do filme Sinistros. Esse episódio tem 10 minutos de duração, e nele são apresentadas as situações que serão abordadas detalhadamente nas atividades descritas abaixo.





Após a exibição do filme, vale a pena retomar a discussão feita a respeito de Getúlio Vargas e a respeito dos nomes, para contrastar o que foi dito pelos alunos com aquilo que aparece no filme.

Observação: Há sempre a possibilidade de questões terem sido levantadas e de não terem sido concluídas adequadamente durante as discussões. Sugerimos que os alunos sejam orientados no sentido de procurarem as respostas, ou informações pendentes nos livros de história da biblioteca, em sites de história e com o professor de história da escola. Esse procedimento é importante, pois permite a desenvolver a interdisciplinaridade entre questões de Língua Portuguesa e questões de história. Além do mais, reforça a proposta teórica de relacionar língua e história para análises discursivas.

2. As Atividades

As seis atividades apresentadas a seguir têm por objetivo apresentar e analisar uma questão discursiva relacionada ao episódio de vídeo. Elas são compostas:

- a. Por um texto que apresentará uma análise discursiva de fatos da língua; e
- b. Por atividades que deverão ser realizadas pelos alunos. Essas atividades demandarão uma pesquisa a ser feita pelos alunos por fatos da língua que faz parte de seu cotidiano a ser analisado.

A sétima atividade é uma proposta de pesquisa, que poderá ser feita em grupo.

2.1 Conteúdo das Atividades

I. Sinistro e Legal: Efeitos de Sentido

Objetivo: trabalhar a polissemia e sua consequência para a produção de efeitos de sentido. As palavras ‘Sinistro’ e ‘Legal’ fazem parte do cotidiano dos alunos, mas poucos observam que elas têm origem em condições de produção distintas daquelas nas quais estão em seus discursos.

Justificativa: permitir que os alunos observem que os sentidos dos objetos simbólicos, mais especificamente, das palavras da língua podem sofrer deslocamento ao longo do tempo. Isso significa que não há apenas um sentido, único e imutável.



II. Calíope e Toneleiros: Processos de Nomeação

Objetivo: apresentar aos alunos aspectos do funcionamento da língua, a exemplo do processo de dar nomes a pessoas e ruas. Foram escolhidos os nomes de uma bibliotecária virtual, Calíope, para ressaltar para os alunos a riqueza e importância da cultura grega, e o nome da Rua dos Toneleiros, famosa pela tentativa de assassinato durante o governo de Getúlio Vargas.

Justificativa: o processo de nomear está relacionado à história. Dessa maneira, uma análise de nomes dá visibilidade a um processo que caracteriza o funcionamento da língua, que é a ancoragem de uma palavra a outras, anteriores.

III. Getúlio Vargas “Pai dos Pobres”: nomeação e deslocamento

Objetivo: dar continuidade às discussões a respeito do processo de nomeação, mas agora tomando como base para as discussões os apelidos.

O apelido a ser analisado é o de Getúlio Vargas, “Pai dos Pobres”

Justificativa: demonstrar, para os alunos, que o gesto de dar um apelido é muito complexo. Apelidar pode atender a interesses e necessidades poucas vezes evidentes para todos nós. Como cada vez mais a vida pública demanda apelidos, é importante que os alunos saibam que há relações entre o sujeito apelidado e os demais sujeitos que podem ser determinadas pelo apelido.

IV. Getúlio Vargas: inversão nos enunciados

Objetivo: demonstrar que a forma e a estrutura de um enunciado são elementos fundamentais para a produção dos sentidos, ou seja, pretendemos demonstrar que, aquilo que por vezes é chamado de conteúdo de um texto, está determinado pela sua forma e estrutura.

Trataremos desse tema a partir da análise do uso da crase em um segmento de discurso proferido por Getúlio Vargas.

Justificativa: discursos proferidos por políticos em situações formais geralmente são muito bem elaborados. Eles são redigidos, lidos, corrigidos antes de serem proferidos. Os discursos feitos por Getúlio Vargas em situações formais eram muito importantes por causa de toda a situação política na qual ele se encontrava como presidente do país face às questões de conflito armado que ocorriam na Europa.



V. Getúlio Vargas e democracia Adjetivos: qualificam e determinam os nomes

Objetivo: demonstrar que a forma e a estrutura de um enunciado são elementos fundamentais para a produção dos sentidos, ou seja, pretendemos demonstrar que, aquilo que por vezes é chamado de conteúdo de um texto, está determinado pela sua forma e estrutura.

Trataremos desse tema a partir da análise do uso de duas palavras funcionando como adjetivos do nome ‘democracia’ no mesmo segmento de discurso proferido por Getúlio Vargas já analisado na atividade 4.

Justificativa: discursos proferidos por políticos em situações formais geralmente são muito bem elaborados. Eles são redigidos, lidos, corrigidos antes de serem proferidos. Os discursos feitos por Getúlio Vargas em situações formais eram muito importantes por causa de toda a situação política na qual ele se encontrava como presidente do país face às questões de conflito armado que ocorriam na Europa.

VI. Forma e Significado Inversão e negativa

Objetivo: demonstrar que a forma e a estrutura de um enunciado são elementos fundamentais para a produção dos sentidos, ou seja, pretendemos demonstrar que, aquilo que por vezes é chamado de conteúdo de um texto, está determinado pela sua forma e estrutura. Aqui, nessa atividade, o fato da língua a ser analisado é uma suposta manchete de jornal, contendo uma inversão na ordem sujeito - verbo - objeto e uma negativa.

Justificativa: assim como os discursos proferidos por políticos em situações formais, a imprensa trabalha com textos muito bem elaborados. Toda notícia é acompanhada por um título, ou por uma manchete. Eles tem a função de apresentar o assunto que será desenvolvido na matéria do jornal e também indica a orientação argumentativa do texto.

3. Os Jogos de Software

Para o episódio n. 1 do programa Sinistros foram desenvolvidos 6 jogos de software. Cada jogo é composto por 5 questões de múltipla escolha com 5 alternativas. O objetivo desses jogos é retomar as questões discutidas no episódio de vídeo e nas atividades. Como o jogo tem, antes de mais nada, um comprometimento com o ensino e a aprendizagem, para cada resposta errada há um comentário que fornece a resposta



correta ao aluno. Os jogos de software foram projetados de tal forma que podem ser feitos fora do horário de aula, após cada atividade.

Autores:

Carmen Zink Bolonhini (Coordenadora)
 Suzy Lagazzi (Coordenadora)
 Alan Febraio Parma
 Carolina Padilha Fedatto
 Cássia Cristina Furlan
 Cristiane Maria Megid
 Gissele Bonafé Costa
 Joice Mensato

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

Apresentamos, abaixo, uma relação comentada de obras que foram referência para a elaboração do quadro teórico descrito acima. Nelas são trabalhados e discutidos os conceitos da área de Análise do Discurso nos quais nos baseamos para a produção desse material didático e para a escrita desse guia do professor.

- ☞ CUNHA, Lauro José da. *O processo discursivo de designação de pessoas: a determinação histórico-social do nome próprio*. 253f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2006.

Estudo sobre o processo de nomear dentro da Instituição família.

- ☞ _____ (2008) “ O processo de discursivo de designação” em *Discurso e Ensino A Língua Inglesa vai à escola* Mercado de Letras Campinas.

O autor faz análise discursiva de nomes que contém materialidades que remetem à língua inglesa.

- ☞ GADET, F.& M. Pêcheux (2004). *A língua inatingível: o discurso na história da lingüística*. Tradução: Mariani e Mello, Editora Pontes, Campinas, São Paulo.

Os autores desenvolvem reflexões a respeito da história da lingüística, focalizando a ideologia, a história e o sujeito.

- ☞ GUIMARÃES, E.. “Política de Línguas: Língua Oficial”. Enciclopédia Brasileira de Línguas.

<http://www.labeurb.unicamp.br/elb/portugues/lingua_nacional.htm>. Online. 2003.

Acesso em: 04 de maio, 2006.

Enciclopédia virtual que reúne dados sobre as línguas praticadas no Brasil.



- GUIMARAES, E. "Apresentação Brasil: país multilíngüe". *Cienc. Cult.* [online]. Abril/Junho 2005, vol.57, no.2, p.22-23. <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200014&lng=en&nrm=iso>. Online. Acesso em: 27 de junho de 2006.

O autor discute a relação entre o Brasil e as línguas que são faladas por aqui, abordando as questões de linguagem e política.

- HAROCHE, C. (1992) *Fazer dizer, querer dizer*. Trad. de E. P. Orlandi. São Paulo: Hucitec.

A autora interroga os fundamentos e o papel da determinação na gramática fazendo uma discussão sobre os modos como alguns importantes teóricos (Émile Benveniste e Michel Pêcheux, por exemplo) consideram o sujeito na linguagem e na história.

- ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, SP: Pontes, 1996

Livro que apresenta reflexões teóricas desenvolvidas a partir de diferentes análises de discursos.

- _____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

A autora desenvolve reflexões a respeito do silêncio e suas diversas formas, incluindo nelas o silenciamento. Obra fundamental para todos interessados em questões relativas à linguagem.

- ORLANDI, E. P. (1999) *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 6a. ed. Campinas: Pontes, 2005.

O livro apresenta uma introdução ao estudo da Análise de Discurso de linha francesa, apresentando seus principais conceitos teóricos. Livro importante por reunir diversos conceitos e explicá-los para iniciantes na área.

- _____ & LAGAZZI, S. (2006) *Discurso e texto* Campinas: Pontes .

O livro contém textos de diversos autores apresentando o conjunto de conceitos teóricos trabalhados dentro do domínio da Análise de Discurso.

- PÊCHEUX, M. (1983). *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1997.

O autor promove reflexões a respeito da relação entre a materialidade da linguagem e o acontecimento discursivo. O autor mostra, nesse livro, o movimento que se dá entre o processo de descrição e o processo de interpretação no trabalho do analista de discurso.

- PÊCHEUX, Michel. (1969) *Análise automática do discurso (AAD69)*. In GADET, F. e T. HAK (orgs.) (tradução de Betânia Mariani [et. alii.]) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp. (1997)

Textos de Michel Pêcheux e de outros autores são reunidos de forma a retomar o percurso histórico da disciplina de Análise de Discurso iniciada na França na década de 60. O livro aborda períodos de formulação e reformulação da teoria discursiva até a década de 80.



- 📖 _____ (1988). *Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. (Tradução de Eni Pulcineli Orlandi [et alii]) Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

O autor desenvolve uma reflexão crítica sobre a produção de conhecimentos científicos e sobre a questão da prática política, com base em estudos da semântica que considerem a linguagem como o lugar onde se dão os processos discursivos (históricos e ideológicos)

- 📖 PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. (1969). A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethânia S. Mariani [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, Pp. 163-252.

Texto de leitura obrigatória para analistas de discurso. Os autores introduzem conceitos e promovem revisões de outros, tendo em vista o estado da arte da época.

